



A sandália dourada

Era uma vez um pescador cuja mulher se tinha afogado, deixando-o com uma filhinha de nome Maha. Perto deles vivia uma viúva que também tinha uma filha. Todos os dias, a viúva ia a casa do pescador tomar conta de Maha e, todos os dias, dizia:

— Pobre criança sem mãe! Gosto de ti como se fosses minha filha.

Um dia, Maha pediu ao pai:

— Pai, casa com a nossa vizinha. Tu não terás mais de cozinhar ou remendar a roupa e eu ganharei uma mãe e uma irmã.

O pai fez-lhe festas no cabelo e disse:

— Minha pequenina, eu não voltarei a casar. As madrastas têm, muitas vezes, ciúmes dos filhos dos outros.

Mas a menina continuou a pedir e, passado algum tempo, o pescador casou com a vizinha.

No início, corria tudo bem mas, à medida que o tempo ia passando, a mulher via o quanto o pescador amava a filha. Via que a criança era bonita e inteligente, enquanto a sua própria filha era pálida e desajeitada. Os meses foram passando e Maha via-se obrigada a realizar cada vez mais tarefas em casa. Quando o pai se ausentava, a madrasta só lhe dava algumas tâmaras secas para comer.

Um dia, quando a menina ia a caminho de casa com três peixes que a madrasta a tinha mandado ir buscar ao barco do pai, ouviu uma voz:

— Pobre menina sem sorte! Tem pena de outra desafortunada criatura. Poupa-me a vida.

A rapariga, assustada, pousou o cesto e encontrou um peixinho vermelho por debaixo dos outros. Maravilhada, levou-o de volta ao rio. Quando o libertou, o peixe falou de novo:

— Alá diz que um gesto de bondade nunca fica sem recompensa. Chama por mim quando quiseres e pede-me o que precisares.

Quando o pai regressou a casa, perguntou à mulher o que acontecera ao peixe vermelho.

— O quê? — exclamou a madrasta, barafustando com Maha. — Não me disseste que havia outro peixe. Vais ter de o procurar bem; se voltares sem ele, vais arrepender-te.

Era já noite quando a menina se pôs a caminho do rio, assustada e com fome.

— Peixe, peixinho — chamou — ajuda-me, por favor. Não sei o que hei-de fazer.

O peixe apareceu na borda da água.

— O que se passa, minha filha?

— A minha madrasta está zangada porque só levei três peixes para casa. Se voltar de mãos vazias, bater-me-á.

— Na minha boca — disse o peixe — encontrarás uma moeda de ouro. Dá-lha e diz-lhe que vendeste o peixe.

A madrasta ficou satisfeita com a moeda mas não ficou a gostar mais da enteada.

Os anos passaram e ambas as raparigas se tornaram mulheres.

Embora trabalhasse de sol a sol, Maha estava cada dia mais bonita, por dentro e por fora. Por outro lado, a sua meia-irmã tornara-se egoísta e má e, muitas vezes, tornava a vida de Maha ainda mais difícil. Quando estava muito desesperada, Maha ia até ao rio e chamava o peixe, que a ajudava sempre.

Certo dia, a filha de um mercador ia casar, e todas as mulheres da cidade juntaram-se antes do casamento para cantar e ver os braços e os pés da noiva serem pintados com hena. Era um momento de grande excitação para as raparigas casadoiras, pois era nesta altura que as mães dos rapazes as viam. Quem escolheriam elas para casar com os filhos?

A madrasta lavou bem a filha e vestiu-a com a melhor roupa que encontrou. Maha foi deixada em casa a carregar baldes de água pesados e a varrer o chão.

Mal a mãe e a filha partiram, Maha foi a correr para o rio.

— Peixe, peixinho, diz-me o que fazer. Serei escrava da minha madrasta para sempre?

O peixe apareceu na borda da água.

— O que desejas, minha filha?

— Gostava de estar com as outras raparigas junto da noiva. Queria cantar, rir e ver todas aquelas roupas e jóias.

— E vais ver — disse o peixe. — E não te sentarás junto das outras raparigas. Sentar-te-ás nas almofadas no meio da sala, mesmo junto da noiva! Mas não te esqueças de sair da festa antes da tua madrasta.

Na relva da margem do rio apareceu um vestido de seda, um pente de pérolas, e um par de sandálias douradas. Maha lavou-se, vestiu o vestido, calçou as sandálias, e colocou o pente no cabelo.

Quando entrou em casa do mercador, as mulheres arranjaram-lhe um lugar mesmo junto da noiva. Não sabiam quem ela era, mas achavam que devia pertencer a uma família importante. A madrasta e a filha acharam-na muito parecida com a enteada, mas riram-se só de pensar no absurdo que seria a rapariga vestida com aquelas roupas.

Maha estava a divertir-se tanto que se esqueceu de ver a que horas a madrasta saía. Quando a mulher se levantou, a rapariga escapuliu-se por uma porta e correu para casa. Quando ia a passar numa pequena ponte, caiu e uma das sandálias douradas tombou no rio.

Maha pôs-se de pé e continuou a correr. Quando a madrasta e a enteada chegaram a casa, a menina estava de novo vestida com andrajos e varria a soleira da porta.

Vários dias depois dos festejos, Tariq, o irmão da noiva, foi andar a cavalo. A dada altura, apeou-se e levou o cavalo a beber ao rio. De cada vez que o animal baixava a cabeça, afastava-se e recusava tocar na água.

— O que se passa contigo? — perguntou o dono.

O rapaz debruçou-se e viu algo a brilhar ao sol da manhã. Pegou no objecto e viu que era uma sandália dourada. Era tão delicada e bela que o rapaz desejou ardentemente encontrar a sua dona.

Nessa noite, só debicou a comida.

— O que te preocupa, meu filho? — perguntou a mãe.

Tariq tirou a sandália do bolso da túnica.

— Costumas dizer que são horas de eu me casar. Pois quero casar-me com a dona desta sandália. Mas não sei quem é.

A mãe ficou contente.

— Não te preocupes, meu filho. Encontrá-la-ei.

No dia seguinte, a mulher foi de casa em casa na parte mais rica da cidade, pois decerto a dona da sandália viveria ali. Talvez fosse aquela rapariga bonita que tinha estado na festa da sua filha. Tentou calçar a sandália a todas as raparigas solteiras, mas não serviu a nenhuma.

No segundo dia seguinte, visitou outras partes da cidade, mas sempre em vão.

No terceiro dia, foi ter às cabanas dos pescadores. Quando a madrasta de Maha viu a mulher do mercador, enfiou a enteada no forno de pão no pátio e cobriu a entrada com uma rocha grande.

Apesar de todos os esforços, porém, o pé da filha não entrava na sandália. A mãe de Tariq estava quase a ir embora quando o galo se empoleirou no forno e se pôs a cantar com toda a força.

Có-có-ró-qui-qui,

A que procuras está mesmo aqui.

A mãe de Tariq ordenou ao seu criado que abrisse o forno. Maha saiu de lá de dentro e o seu pé entrou na sandália com facilidade. Quando a mulher do mercador viu a beleza e a bondade dos olhos da rapariga, soube que tinha encontrado uma noiva digna do filho.

— Aqui tens — disse à madrasta, entregando-lhe uma bolsa com moedas de ouro. — A tua enteada está agora noiva do meu filho mais velho. O cortejo nupcial vira buscá-la dentro de dois dias.

Mesmo assim, a madrasta não se regozijava com a boa sorte da família. Por isso, foi ao perfumista com algumas moedas e pediu-lhe que fizesse um perfume que cheirasse a peixe podre e que provocasse queda do cabelo. Na véspera do casamento, susteve a respiração enquanto penteava a bela cabeleira escura de Maha.

No dia seguinte, o cortejo veio buscar a rapariga e levou-a, numa liteira, através das ruas, por entre cantares e dançares. Tariq esperava, impaciente, a assinatura do contrato nupcial, a fim de poder ver a noiva. Quando levantou o véu, um cheiro a rosas invadiu o quarto. O cabelo de Maha era tão bonito que ele não parava de o acariciar.

Quando o irmão de Tariq viu a felicidade deste, quis casar com a meia-irmã de Maha. Uma vez mais, a madrasta recebeu um saco de moedas de ouro para preparar o casamento.

A mulher tinha visto o efeito do óleo em Maha e, na véspera do casamento, penteou o cabelo da filha com a mesma mistela. No dia seguinte, o cortejo transportou a rapariga pelas ruas da cidade. Contudo, quando o noivo levantou o véu, quase sufocou com o mau cheiro e viu que a cabeça da noiva estava coberta de bolhas em vez de cabelo. A rapariga foi logo devolvida à mãe.

Quanto a Maha e a Tariq, foram abençoados com sete filhos e viveram felizes para sempre.